

PEDAGOGIA(S) DA INFÂNCIA - DIALOGANDO COM O PASSADO, CONSTRUINDO O FUTURO¹

Célia Maria Guimarães²

O livro foi organizado a três mãos – Júlia Oliveira-Formosinho, associada do Instituto de Estudos da Criança (IEC) da Universidade do Minho e vice-presidente da Associação Criança, de Braga, Portugal; Tizuko Morchida Kishimoto, professora titular da Faculdade De Educação da Universidade de São Paulo e coordenadora da rede de pesquisadores Contextos Integrados de Educação Infantil, do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP) e do Museu da Educação e Brinquedo e Mônica Appezzato Pinazza, professora doutora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e da Universidade São Judas Tadeu. O livro conta com doze textos de pesquisadores e professores vinculados a universidades brasileiras e portuguesas oriundos de diferentes áreas de formação e de atuação na educação.

A apresentação do livro, de autoria de Júlia Oliveira-Formosinho, nos informa os motivos da organização deste projeto - revisitar os pedagogos dos dois últimos séculos como Dewey, Freinet, Froebel, Montessori, Malaguzzi, e autores como Piaget, Bruner, Vygotsky para estabelecer com eles um diálogo que permita o duplo movimento de desconstrução-reconstrução da pedagogia. Segundo dizeres da autora o livro afasta-se de “um presentismo redutor” e procura perguntar e responder de que modo ocorreram inovações nas concepções de criança e de adulto, de escola, professor e aluno, de processo ensino-aprendizagem e como essas concepções foram anunciadas na pedagogia do século XX. Informa-nos que o livro baseia-se na denúncia da persistência do modo transmissivo de fazer pedagogia, na urgência de desconstruir o modo transmissivo e de construir o modo participativo, no reconhecimento de que a memória e a história são fecundas em propostas para traçar caminhos de recontextualização da pedagogia da infância, no reconhecimento de que a dependência do presentismo empobrece a cultura pedagógica e nos deixa vulneráveis aos modismos. Afirma que é o diálogo com essas propostas que dá origem a identidade de uma comunidade cultural e sustenta a reinvenção do futuro. O livro, segundo

¹ Resenha livre de OLIVEIRA- FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morshida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org.) Porto Alegre: Armed, 2007.

² Doutora em Educação pela FFC/UNESP de Marília; Professora da Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP.

sua apresentadora, também se lança ao desafio de recusar alternativas pedagógicas como retórica e de exigi-las como ação.

O primeiro capítulo de autoria de Júlia Oliveira-Formosinho sob o título *“Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação”* enfatiza a persistência do modo de fazer pedagogia que ignora os direitos da criança de ser vista como capaz e a ter espaço de participação e escreve o capítulo com a intenção de “contribuir para a reconstrução de uma pedagogia da infância baseada em uma práxis de participação”. Aborda os modos de transmissão e os modos de participação e seus contrastes na forma de fazer pedagogia e lembra ao leitor os pedagogos que desconstruíram o modo tradicional para construir modos alternativos de fazer pedagogia. Discute a lógica da pedagogia da transmissão e a da participação e enuncia as tarefas centrais de um modo participativo de fazer pedagogia. Propõe e faz uma leitura do contraste entre estes dois modos de fazer educação para afastar dúvidas sobre o que é uma educação não-tradicional. Trata da pedagogicidade do espaço e dos materiais e discute o que caracteriza um contexto educativo para educação infantil. Desenvolve argumentação acerca da pedagogia participativa demonstrando a impossibilidade de dissociar os processos de aprendizagem e os contextos em que se desenrolam. Defende que a existência de um modelo pedagógico concebido como um sistema educacional que combina um quadro de valores, uma teoria e uma prática permite a concretização no cotidiano de uma práxis pedagógica e este é fator de sustentação da práxis dos educadores.

Tizuko Kishimoto e Mônica Pinazza escrevem no capítulo 2: *“Froebel: uma pedagogia do brincar para infância”* com a intenção de oferecer ao leitor um panorama sobre vida e obra do referido autor, pois consideram que aspectos como o papel do brincar no desenvolvimento da linguagem, a educação e os cuidados, as linguagens integradas na educação da criança pequena e a formação do educador, podem contribuir para elaboração de uma pedagogia da infância. As autoras enfatizam que uma pedagogia que valorize a atividade e a participação infantil e considere o brincar como essenciais no plano curricular e metodológico precisam considerar os pressupostos filosóficos de Froebel.

No capítulo 3, Mônica Pinazza apresenta ao leitor *“John Dewey: inspirações para uma pedagogia da infância”*. A autora recupera os conceitos deweyanos de experiência, de pensamento reflexivo e educação pela e para a equidade com intenção de explicitar as possíveis contribuições à formação da criança e do adulto reflexivos. Lembra ao leitor que Dewey se refere a processos educativos e à criança nos planos

individual e social, antes de tratá-la como aluno, teses que podem iluminar caminhos para uma pedagogia da infância.

Maristela Angotti escreve *“Maria Montessori: uma mulher que ousou viver transgressões”*, ressaltando a história e obra de Maria Montessori dedicada a criança com objetivo de inspirar o leitor a compreender a perspectiva educacional decorrente. A autora discorre sobre a idéia de criança, sobre os princípios e a perspectiva da educação e da escola concebida pela pensadora e encerra seu texto analisando as contribuições e as fragilidades da pedagogia montessoriana.

No capítulo 5, os portugueses Joaquim Araújo e Alberto Araújo, também tratam da pedagogia montessoriana no texto *“Maria Montessori: infância, educação e paz”*. Iniciam lembrando que Montessori interessou-se pela pedagogia não por vocação para o ensino, mas pelo contato com crianças com deficiência mental na clínica psiquiátrica após ter se tornado a primeira mulher médica da Itália em 1896. Os autores apresentam as linhas mestras da pedagogia científica de Montessori e os seus princípios, e realçam a idéia de infância presente em sua obra.

Marisa Elias e Emilia Cipriano apresentam ao leitor *“Freinet e a pedagogia – uma velha idéia muito atual”*. Neste texto o autor, sua história e a história da pedagogia Freinet são expostos com objetivo de elucidar as contribuições deste pedagogo à formação de professores de crianças pequenas e a constituição da pedagogia da infância nos tempos atuais, tais como: o papel da educação e da escola, a concepção de criança, o papel pessoal-profissional do professor, a organização do tempo e do espaço da escola, entre outras coisas.

O capítulo 7 do livro sob o título: *“Célestin Freinet: trabalho, cooperação e aprendizagem”* é obra dos portugueses Joaquim Araújo e Alberto Araújo que aprofunda a leitura sobre Célestin Freinet ao apresentar o sentido da pedagogia Freinet confirmando o assentamento desta pedagogia na confiança depositada na capacidade da criança pensar e se expressar. A pedagogia Freinet é desvelada de modo que o leitor poderá se libertar de qualquer incompreensão sobre a inovação pedagógica por ele proposta e construir o significado da mudança educacional que pretendia através da mudança nas técnicas de trabalho. O trabalho escolar diário dos professores com as crianças é discutido como práxis docente e no seu contexto as técnicas de ensino são dimensionadas.

Fátima Vieira e Dalila Lino desenvolvem o capítulo 8 *“As contribuições da teórica de Piaget para a pedagógica da infância”*. Abordam a vida, a obra e as contribuições do psicólogo e epistemólogo Jean Piaget a psicologia do desenvolvimento no século XX. Apresentam a

teoria sobre o desenvolvimento moral, os estágios do desenvolvimento cognitivo e destacam da teoria piagetiana dois conceitos para a pedagogia da infância – a noção da construção do conhecimento e o papel ativo da criança nesta construção. As autoras apresentam algumas das críticas desenvolvidas acerca da teoria de Piaget e a reflexão sobre a epistemologia genética com seus processos de construção do conhecimento que por sua natureza se afasta da explicação maturacionista ou positivista de como a criança aprende.

No capítulo 9, Alexandra Pimentel apresenta “*Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil*”. O texto explica a constituição da psicologia histórico-cultural e o sistema psicológico de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano. Focaliza as relações entre jogo, aprendizagem e desenvolvimento em relação com a zona de desenvolvimento proximal. Com base na abordagem em discussão dimensiona o desenvolvimento da imaginação infantil e das regras no contexto do jogo e do brincar. Informa ao leitor a compreensão que a abordagem histórico-cultural tem da interação entre educador e criança, da evolução no campo das motivações e necessidades, da superação do egocentrismo cognitivo, da evolução das ações mentais, da conduta voluntária na criança. São apresentados resultados de pesquisa sobre professores de educação infantil e suas práticas com jogos e ressalta que a formação de professores de crianças pequenas precisa contribuir para a transformação da forma de o professor conceber seu papel e deveria fomentar o interesse por compreender como o jogo pode beneficiar a criança.

Tizuko Morchida Kishimoto escreve o capítulo 10: “*Brincadeiras e narrativas infantis: contribuições de J. Bruner para a pedagogia da infância*”. A autora apresenta Bruner e suas principais idéias para demonstrar “... que as brincadeiras e narrativas integram uma proposta para uma pedagogia socioconstrutivista da equidade.” Com base na teoria de Bruner a pedagogia socioconstrutivista contribui no âmbito da educação infantil para a compreensão da narrativa capaz de dar sentido ao mundo e a experiência da criança pequena. Para fins de conclusão do texto são apresentadas as contribuições desta teoria para a desconstrução de práticas educacionais tradicionais. A autora ressalta a valorização ao papel do adulto e da ação educativa interativa para o desenvolvimento infantil e a idéia de criança capaz; lembra que os jogos e narrativas devem ser valorizados no processo de construção de pedagogias para a infância com base nas ciências da educação, nas políticas públicas de equidade, com a

participação de comunidades de aprendizagem que respeitem as vozes das crianças.

Em *“Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas”*, Ana Lucia Goulart de Faria apresenta o educador italiano, sua obra e especialmente suas idéias sobre a criança pequena, centro de sua pedagogia. A pedagogia de Loris Malaguzzi é descortinada para que o leitor a conheça em sua dimensão, intenções, princípios, concepções sobre a criança e a participação da família, assim como o trabalho pedagógico comprometido com a equidade no âmbito da educação pública.

Encerrando o livro, João Formosinho e Joaquim Machado de Araújo, em *“Anônimo do século XX - a construção da pedagogia burocrática”*, discutem a construção da pedagogia burocrática como o modelo ideal de Max Weber e definem o que compreendem como o autor anônimo. Evidenciam os processos decisórios próprios de um sistema de ação burocrática, enfatizam seu discurso de legitimação e mobilização e identificam a idéia de criança, de professor e de escola a ela subjacentes.

Saiba o leitor que se trata de uma obra que traz uma sistematização da contribuição de grandes pedagogos e estudiosos da criança pequena para o estudo dos fundamentos e significados da construção das pedagogias para a infância num momento histórico de transformação de paradigmas do trabalho docente e de formação do professor da educação infantil. Ressalte-se neste livro o primeiro e último capítulos pela densidade da discussão sobre a educação infantil e o trabalho com a criança pequena.

Recebido em setembro de 2007

Aceito em novembro de 2007